

DA MORTE E DA FINITUDE COMO CONCEITOS EXISTENCIALISTAS NAS CRÔNICAS DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Jamylle Feitosa da Silva – Estudante do curso de letras português (Bolsista do ICV); Prof^a Dr^a Maria Elvira Brito Campos (Orientadora, Departamento de Letras/UFPI)

Introdução

O Existencialismo é uma corrente filosófica que começou a ser discutida em meados do século XX, e dentre vários dos seus postulados, essa corrente defende a anteposição da existência à essência. “Esse termo genérico designa uma corrente de pensamento que privilegia o concreto, o singular, em relação ao nocional, aos conceitos, às generalidades vagas” (HUISMAN, 2001, p.8). Sartre foi o primeiro a postular a prioridade da existência sobre a essência, ou seja, o homem existe primeiro, se encontra no mundo e só depois irá se definir, e essa existência é livre e indeterminada, apresentando a característica de contingência, já que o indivíduo será responsável, deste modo, por sua própria existência. Por isso os postulados de morte e finitude, temas de interesse desse estudo, são ocasionados por esta liberdade inquestionável de cada ser humano.

A morte e seus significados têm sido alvo de estudo de grandes filósofos, escritores e religiosos ao longo do tempo. Esses questionamentos acerca da existência, assim como reflexões sobre a morte, escolhas, liberdade e finitude são inerentes ao homem. Por essa visada, a literatura mescla-se com a filosofia, pois assim como esta, que busca respostas e possíveis soluções para a angústia do viver, e para todos esses questionamentos existenciais do ser, aquela, retrata essas questões ligadas à subjetividade do homem. Nas crônicas de Lobo Antunes a temática da morte é bastante recorrente, há um mergulho no modo de como a morte é vista. Antunes consegue desenvolver essas incursões de modo a detalhar em flashbacks vários momentos que refazem um possível passado e rememora sua infância; é possível encontrarmos traços do existencialismo nessas crônicas, não somente por nos depararmos com os temas abordados por essa corrente, mas porque na escrita dele há traços dessa análise da condição humana, dessa angústia de estar vivo, e da certeza do nascer para depois morrer. Esse estudo possibilita uma reflexão crítica e aprimorada sobre assuntos de cunho filosófico, já que estes aparecem também em textos literários.

Metodologia

A fim de melhor compreender esse tema filosófico e sua relação com a literatura, foi feita uma análise de duas crônicas de Antônio Lobo Antunes, intituladas “Deste profundo abismo, senhor” e “Quem te deu licença de morrer”, pelo viés da filosofia existencialista de Jean Paul Sartre, apontando nelas como é feita a abordagem de dois temas Sartrianos: a morte e a finitude.

O Trabalho aqui proposto tem como apoio teórico principal os livros O Ser e o Nada (SARTRE, 2007) e a História do Existencialismo (HUISMAN, 2001), assim como artigos científicos que abordam a temática da Morte e da Finitude. O trabalho consiste em fazer a análise de crônicas pelo viés filosófico, em que é possível identificar temas do existencialismo de Sartre. Para a análise

literária, foram observados conceitos estruturantes da análise narrativa, como tempo, espaço, personagens, os quais culminam com os postulados sartrianos por exemplificarem a essência existencialista proposta nesse estudo.

Resultados e Discussão

A existência humana está inerentemente ligada à liberdade: “estou condenado a ser livre” (Sartre, 2007), e essa liberdade é total, irrestrita, pois, para esse autor, o homem não é determinado, é livre pra tomar suas decisões e fazer suas escolhas, sendo o único responsável por toda e qualquer consequência dessas escolhas, positivas ou negativas. O existencialismo sartriano é ateu, logo o homem não pode se privar de fazer escolhas por ter como suporte um Deus que determina sua vida e os acontecimentos desta.

Sartre vê a morte como um absurdo, pois ela recusa a existência, tira toda a significação da vida, o ato de morrer é um absurdo porque é exatamente a negação de todos os projetos. O ser tem consciência de sua finitude e efemeridade das coisas que o circunda, a existência humana seria então algo sem sentido, já que não haveria motivação para os planos e projetos da vida humana, pois logo tudo isso findaria com a morte.

Na crônica “**Deste profundo abismo, senhor**”, o personagem faz uma reflexão acerca da morte, ele sente uma angústia enorme por saber que ela chegará e que ele não terá tempo de fazer tudo o que planejou fazer; é assombroso o temor de não ser lembrado, de morrer sem conseguir escrever sua grande obra.

“Queria deixar uma catedral de palavras e dou-me conta que a catedral não tem fim. Queria arredondar o edifício, fechá-lo, e dou-me conta, desolado, da impossibilidade desse fecho, dada a inevitável limitação da vida. Não morrerei satisfeito, morrerei com a dor de não ter tido tempo.” (ANTUNES)

É perceptível aqui uma profunda angústia por parte do personagem, pois este tem consciência da fugacidade da vida, então ele busca desesperadamente fazer quantos projetos o tempo o permitir, mas ainda assim sente-se triste, pois o tempo sempre parecerá reduzido pra quem tem tantos planos. E isso é o grande absurdo, o ser faz planos, pensa em fazer algo grandioso, a morte pode chegar e o levar no meio dessa grande obra, então ele não termina esta por não ter tido tempo, esse medo é o que aflige o homem, o temor de chegar ao fim e não concluir aquilo que tanto almejou.

Sartre defende que quando morremos ficamos à mercê do outro, que fará de certo modo o julgamento daquele que morreu, tudo agora está nas mãos do outro, isso gera certo conflito, e uma série de preocupações, como: não ter certeza se nossos feitos serão lembrados, ou se atribuirão algum juízo de valor negativo ou ainda se nos deixarão cair no esquecimento. Na crônica “**Quem te deu licença de morrer**” podemos perceber essa questão de como a morte é encarada pelo o Outro.

“Fitando o Pontinha num desgosto à beira das lágrimas, e no entanto mantivemo-lo firme, com a sua sujidade e os seus dentes mal plantados, porque o Pontinha era tão mau que se tornava esplêndido e dava um vago colorido às nossas tristes existências.” (ANTUNES).

O personagem toma por incumbência lembrar alguém que despertava seu interesse devido ao comportamento peculiar que tinha. O personagem “Pontinha” havia morrido, logo sua memória e o julgamento de quem foi em vida ficou delegado ao Outro, pois é isso que ocorre quando morremos, ficamos entregues ao ajuizamento de terceiros. O outro se torna uma espécie de “guardião” da vida daquele que morreu.

Conclusões

O estudo das crônicas possibilitou uma reflexão sobre essas questões que fazem parte da existência do homem, facilitou a compreensão dos temas sartrianos, em especial as duas crônicas escolhidas “Quem te deu licença de morrer” e “Deste profundo abismo, senhor”, em que se pode perceber a presença da morte e da finitude, e o modo como o indivíduo as encara. Tal estudo possibilitou um contato com uma área que se cruza com a literatura, que é a filosofia, sendo bastante interessante analisar as crônicas pelo viés filosófico, que resulta em um trabalho enriquecedor, que permite uma tomada de opinião crítica acerca da condição humana e de todas essas questões existenciais inerentes ao ser.

Apoio: Grupo de Estudo de Literatura Portuguesa Contemporânea (GELPC) do Departamento de Letras da UFPI e Núcleo de Estudos Portugueses (NEP).

Referências Bibliográficas

A MORTE NAS DIFERENTES DOCTRINAS E RELIGIÕES. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65777-5856,00.html>. Acesso em: 15/08/2012

CRÔNICAS DE LOBO ANTUNES. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/antonio-lobo-antunes=s23489>. Acesso em: 06/08/2012

CUNHA, Anderson S. Artigo científico: Finitude Humana: A perplexidade do homem diante da morte. **FILOGENESE**: Revista eletrônica de pesquisa na graduação em filosofia. São Paulo, v. 3, n.1, p. 183 – 194, 2010. Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//AndersonSantanaCunha\(182-193\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//AndersonSantanaCunha(182-193).pdf). Acesso em: 16/08/2012

HUISMAN, Denis. *História do existencialismo*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

OLIVEIRA, Manuel Messias de. Artigo científico: A morte: plenificação ou nadificação. **POROS**: Revista do curso de filosofia. Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 51-62, 2009. Disponível em: <http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/poros/article/viewFile/88/78>. Acesso em: 15/08/2012

SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2007.

Palavras-chave: Existência. Finitude. Morte.